

A Encarnação do Filho de Deus continua até o fim dos tempos

Resumo

“O Senhor está à porta do mundo e à porta de cada um dos corações. Ele bate para que o deixemos entrar: a encarnação de Deus, o seu fazer-se carne deve continuar até ao fim dos tempos.” Esta afirmação do Papa Bento XVI leva a refletir sobre o mistério da encarnação do Filho de Deus e sua continuação e extensão na Igreja e através da Igreja. Neste artigo, o autor expõe a essência do mistério da encarnação do Filho de Deus, que foi preparada na Antiga Aliança (dinamismo de encarnação da palavra, da ação e da presença divina), para, a partir dessa reflexão, mostrar que é justificado falar de uma continuação e também extensão ou ampliação da encarnação do Filho de Deus na Igreja e através dela. De fato, a encarnação continua até o fim dos tempos, pois é ato de o Filho Se unir aos homens, não apenas fazendo-Se homem, mas também já sendo homem. A encarnação continua, portanto, até ao ponto em que a autocomunicação de Jesus aos homens (e aos anjos) estará completamente realizada, até às últimas consequências. Nisso, o sacramento dos sacramentos, a Eucaristia, tem o papel principal e central. Ela é uma continuação e ampliação da encarnação do Filho de Deus particularmente na dimensão da presença. Na verdade, todo o cristianismo é uma contínua encarnação, uma encarnação de Jesus Cristo dentro da nossa existência, dentro de nós mesmos, de modo que o Filho encarnado continua a Se fazer presente, a falar e a agir, a viver “os mistérios da Sua vida” na Igreja e através dela, em e através dos fiéis como “membros de Cristo”. Nisso, a Virgem Maria é o modelo acabado a imitar.

Summary

“The Lord is at the gate of the world and at the gate of every heart. He knocks so that we let Him enter: the Incarnation of God, His becoming flesh should continue until the end of time.” This

affirmation of Pope Benedict XVI brings us to reflect on the mystery of the Incarnation of the Son of God and its continuation and extension in the Church and through the Church. In this article, the author discusses the essence of the mystery of the Incarnation of the Son of God, which was prepared in the Old Covenant (dynamism of the Incarnation of the divine word, action and presence), in order to show, from this reflection, that it is justified to speak of a continuation and also an extension or amplification of the Incarnation of the Son of God in the Church and through her. In fact, the Incarnation continues until the end of time, for it is the act of the Son to unite Himself to men, not only becoming Himself man, but also already being man. The Incarnation continues, moreover, until the point in which the self-communication of Jesus to men (and the angels) will be completely realized, until its last consequences. In this, the sacrament of sacraments, the Eucharist, has the principle and central role. The Eucharist is the continuation and the amplification of the Incarnation of the Son of God particularly in the dimension of presence. In truth, all of Christianity is a continual Incarnation, and Incarnation of Jesus Christ within our existence, within ourselves, in such a way that the Incarnate Son continues to make Himself present, to speak, to act, to live “the mysteries of His life” in the Church and through her, in and through the faithful as “members of Christ”. In this the Virgin Mary is the perfected model to imitate.

* * *

I. A afirmação: Encarnação continuada e ampliada

No evangelho segundo João, encontra-se esta afirmação fundamental para a fé cristã: “O Verbo Se fez carne” (*Jo* 1, 14). Com base nesta expressão falamos de “encarnação” do Verbo ou Filho de Deus ou simplesmente de Deus, subentendendo que estamos falando de Deus Filho, não do Pai nem do Espírito Santo.

Esta “encarnação” é apenas um evento singular em determinado momento da história, de modo a não se poder falar de uma encarnação “continuada” ou “prolongada”, “estendida” ou “ampliada”? Na tradição teológica e também no Magistério da Igreja encontramos esta resposta:

pode-se falar, sim; é justificada esta linguagem e a correspondente ideia; expressa-se deste modo uma verdade profunda e animadora.

O grande “papa teólogo” do nosso tempo, Bento XVI, afirmou o seguinte:

Gabriel é o mensageiro da encarnação de Deus. Ele bate à porta de Maria e, através dela, o próprio Deus pede a Maria o seu “sim” para a proposta de se tornar a Mãe do Redentor: *dar a sua carne humana ao Verbo eterno de Deus*, ao Filho de Deus. Repetidas vezes o Senhor bate às portas do coração humano. [...] O Senhor está à porta do mundo e à porta de cada um dos corações. Ele bate para que o deixemos entrar: *a encarnação de Deus, o seu fazer-se carne deve continuar até ao fim dos tempos*. [...] Cristo bate. Também hoje Ele tem necessidade de pessoas que, por assim dizer, *lhe põem à disposição a própria carne*, que lhe doam a matéria do mundo e da sua vida, servindo assim para a unificação entre Deus e o mundo, para a reconciliação do universo.¹

A afirmação é clara e simples: “a encarnação de Deus, o seu fazer-se carne deve continuar até ao fim dos tempos”.

Esta continuação ou este prolongamento da encarnação está ligada – não exclusivamente, mas de um modo particular e singular – ao sacramento da *Eucaristia*. O Papa São João Paulo II escreveu a este respeito em sua encíclica sobre a Eucaristia:

De certo modo, Maria praticou a sua *fé eucarística* ainda antes de ser instituída a Eucaristia, quando *ofereceu o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus*. A Eucaristia, ao mesmo tempo que evoca a paixão e a ressurreição, coloca-se no prolongamento da encarnação.²

Um século antes, o Papa Leão XIII, em sua encíclica *Miræ caritatis* sobre a Eucaristia tinha usado a expressão “continuação” e “ampliação” da encarnação: “a Eucaristia deve ser considerada, pelo testemunho dos Santos Padres, como certa continuação e ampliação da encarnação”.³

A teologia oriental, fortemente ligada à herança dos Padres da Igreja, é ainda mais decidida em falar de “encarnação” num sentido que não se restringe ao evento acontecido em Nazaré e Belém (concepção, nas-

¹ BENTO XVI, Homilia no dia 29 de setembro de 2007, em: *L'Osservatore Romano* (ed. port.), 06.10.2007, 3. O destaque no texto é nosso.

² JOÃO PAULO II, Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, n. 55.

³ LEÃO XIII, Encíclica *Miræ caritatis* (28.05.1902): *Leonis XIII P.M. Acta*, vol XXII, 122: “Eucharistia, Patrum sanctorum testimonio, Incarnationis continuatio quaedam et amplificatio censenda est.”

cimento do Filho de Deus como homem) nem a toda a vida terrena de Jesus. Ioannis Spiteris⁴ escreve:

Através deles [= os sacramentos ou “mistérios”] nos unimos, cada um e cada uma, à carne divina e divinizante de Cristo e participamos assim do *evento contínuo da Encarnação*.⁵

Deste modo, os mistérios são aquela realidade na qual o homem histórico descobre a unidade de natureza e história, de passado e presente, de criado e incriado, e justamente nesta unidade realiza-se também a sua santificação. *Tudo isso, a tradição das Igrejas orientais chama de “encarnação”*. O nosso teólogo⁶ pode chamar a celebração dos sacramentos de “a mistagogia da encarnação do Senhor”⁷.

... Os sacramentos são “mistérios de Cristo”, participação na Sua vida, na Sua ação salvífica. Da constante tradição das Igrejas orientais sabemos que o “tornar-se parte da história” ou a *encarnação do Logos em todas as suas fases* foi possível somente pelo poder do Espírito.⁸

Concluindo, podemos constatar que na tradição teológica e no Magistério da Igreja encontramos esta afirmação que é o tema da nossa reflexão: a encarnação de Deus (Filho) continua até o fim do tempo.

II. A “Encarnação” do Filho de Deus: o que é?

Para entendermos essa afirmação é necessário refletirmos sobre o mistério da encarnação do Filho de Deus. O que quer dizer: “encarnação do Filho de Deus”? Quais são as características próprias deste mistério central na relação de Deus com as Suas criaturas, sobretudo com o homem? O que caracteriza esse centro e ápice da ação de Deus na história do universo criado (anjos, homens, criação material)?

Nesta reflexão, convém partir do mistério de Deus em Si mesmo, que é mistério de **comunicação** e **união-comunhão**, mistério de *amor*. A autocomunicação integral que existe em Deus e que é a geração do Filho

⁴ Ele é arcebispo de Korfu, Zanate u. Kaphallonia.

⁵ IOANNIS SPITERIS, *Die Heiligkeit der Kirche im Verständnis der Ostkirchen. Zur Theologie des Nikolaus Kabasilas*, em: *Internationale Katholische Zeitschrift Communio* 42 (2013) 471-484; a citação: 477.

⁶ O autor refere-se aqui a Nicolau Cabasilas.

⁷ NICOLAU CABASILAS, *Comentário à Divina Liturgia*: PG 150, 392 D.

⁸ IOANNIS SPITERIS, *Die Heiligkeit der Kirche im Verständnis der Ostkirchen. Zur Theologie des Nikolaus Kabasilas*, 479. Os destaques (em itálico) não são originais.

e a processão do Espírito Santo, *se estende à realidade criada através da missão do Filho* e da missão do Espírito Santo. Ora, a missão do Filho é a Sua *encarnação*, inseparavelmente ligada com a missão do Espírito Santo. O Filho é enviado para Se encarnar. A encarnação é a **máxima autocomunicação** do Filho a uma realidade criada. O Filho doa a Si mesmo a uma realidade criada de tal modo que Ele não apenas *está nesta* realidade criada, mas, num sentido verdadeiro e real, Ele *é* esta realidade: o Filho, que é Deus, agora é também homem; não apenas está em um homem, mas *é* um homem. “E o Verbo Se fez carne” (Jo 1,14).

A realidade criada da qual falamos é a natureza humana individual de Jesus, e o dom feito a esta é a personalidade divina. Assim existe a **unidade** ou **união hipostática**, ou seja, a união da natureza divina com a natureza humana (união das naturezas) na única Pessoa do Filho de Deus (unidade da pessoa): uma só pessoa de duas naturezas, um só possuidor ou portador de duas naturezas; pela natureza divina, esta pessoa é Deus; pela natureza humana, ela é homem; pela unicidade da pessoa, as duas naturezas estão unidas.

Ora, uma vez que a Pessoa do Filho preexiste (como Pessoa de natureza divina) a toda e qualquer realidade criada, essa união da natureza divina e humana se realiza pelo fato de a Pessoa divina do Filho **fazer Sua própria a natureza humana** desde o primeiro instante em que esta começa a existir. A natureza humana individual de Jesus não existe senão como natureza humana do Filho de Deus. Ser “do Filho de Deus” tem, neste caso, um significado de todo peculiar, único. Toda realidade criada é “de” Deus, enquanto Ele é a origem dela; é o Criador. Toda realidade criada pertence a Ele, está totalmente dependente d’Ele. Mas no caso da natureza humana individual de Jesus esta pertença é singular, pois ao mesmo tempo que Deus faz existir esta natureza (concepção virginal de Maria), Deus Filho a assume como *Sua*. Não é a natureza humana (corpo, alma, intelecto, vontade, etc.) de uma pessoa que começa a existir naquele momento, mas é a natureza humana de uma Pessoa preexistente: da Pessoa de Deus Filho, a qual, deste modo, é agora também Pessoa de uma natureza humana, alguém que possui uma natureza humana: um homem.

Eis, portanto, o mistério profundo da Encarnação do Filho de Deus: como pode Deus (o Filho) assumir de tal modo em Si uma realidade criada que Ele “**Se faz**”, “Se torna” o que assume: “e o Verbo *Se fez* carne” (*sarx egéneto* – Jo 1,14)? Ele não começa a existir, pois já existe eternamente, mas começa a existir *como homem*.

Procuremos uma visão de conjunto. A encarnação é um mistério de *extensão* ou **prolongamento da autocomunicação** que existe em Deus *a uma realidade criada* por Deus. O Pai Se comunica integralmente (todo o ser divino) ao Filho (é a “geração” divina) e assim existe eternamente na divindade o Filho gerado pelo Pai. A encarnação do Filho significa: o Pai doa o Seu Filho ao mundo criado, enviando-O para que seja homem (é a “missão” do Filho); em outras palavras: o Pai O envia para que faça *Sua* uma realidade criada como mais perfeitamente, mais intimamente, mais inseparavelmente não poderia fazer.⁹ O Filho, por Sua vez, Se comunica deste modo como o *enviado do Pai* (pois é o *Filho*, isto é, aquele que procede do Pai).

Mas esta autocomunicação do Filho (autocomunicação que tem no Pai a origem) não se realiza sem uma extensão ou um prolongamento (à realidade criada) de outra autocomunicação na divindade; é aquela do Pai e do Filho ao Espírito Santo (a “processão” ou “espiração” do Espírito Santo). Assim, o Filho Se doa *no Espírito Santo*. Nos evangelhos – e consequentemente nas formulações da fé da Igreja¹⁰ –, a encarnação do Filho de Deus no seio da Virgem Maria é atribuída à presença atuante do Espírito Santo nela (cf. *Lc* 1,35; *Mt* 1,20).

A encarnação significa, por conseguinte, que o Filho **Se faz presente**, de um *modo totalmente novo*, no mundo criado. Esta presença, porém, não difere somente da onipresença Sua como Deus (Criador), mas também da maneira como o Espírito Santo (e, com Ele e n’Ele, o próprio Filho e o Pai) está presente nas pessoas criadas (anjos e homens), de um modo totalmente novo, ao ser enviado a elas para nelas “morar” (“inabitação” da Santíssima Trindade). Na encarnação, o Filho Se faz presente no mundo começando a **existir como homem neste mundo**. É agora o que não era: homem; vive uma vida que não vivia: vida humana.¹¹ O próprio Filho de Deus, a Pessoa divina, **está presente como homem**, isto é, com Sua

⁹ De fato, a união entre Deus e homem não poderia ser maior. A união hipostática é um verdadeiro “non plus ultra”; não pode existir uma união mais perfeita entre Deus e o homem, entre o divino e o humano.

¹⁰ Os “símbolos” da fé da Igreja; cf. *Catecismo da Igreja Católica* (abreviado: *Cat.*) 186-188.

¹¹ Na verdade, a natureza divina, ou seja, a vida divina, em sua absoluta simplicidade, compreende todas as perfeições realizadas de diversos modos e limitadamente nas criaturas; compreende, portanto, essa perfeição criada – imitação limitada da infinita perfeição divina – que é o ser humano, a vida humana.

substância humana, Seu corpo e Sua alma. E **Se comunica** aos outros homens **como homem**, através de Sua natureza humana, empregando as potências ou faculdades desta mesma natureza. O evangelista São João, por isso mesmo, não se contenta em dizer: “o Verbo Se fez carne”, mas acrescenta: “e veio *morar* entre nós” (Jo 1,14).

Eis, portanto, o mistério da encarnação do Filho de Deus:

- Numa autocomunicação singular a uma realidade criada (natureza humana), Ele *Se faz homem*, *Se faz presente como homem*. Esta é a autocomunicação *fundamental*, base para as outras comunicações.
- Daí Se dá a *conhecer* como homem, isto é, em e através da Sua humanidade; nela é visível e através dela Se comunica com *palavras* e *gestos*.
- Ele *age* como homem, manifestando com os atos o amor Seu e do Pai.

Portanto, como homem, Ele

está presente (presença real “substancial”),

fala (com as diversas linguagens, como são também os gestos, o comportamento) a partir do conhecimento que tem como Filho encarnado, e

age com amor.

- E essa *presença humana* é a presença de *Deus* mesmo, da própria Pessoa divina, pois este homem é Deus. Não é a presença divina através de uma realidade criada que serve a Deus para Ele Se manifestar, para indicar a Sua presença, mas que não é Deus. Jesus, o Filho de Deus, é homem; a Sua presença é, por isso, diretamente a presença da Pessoa divina do Filho.
- Essas *palavras humanas* são propriamente palavras de *Deus*: quem fala é Deus mesmo, Deus que fala *como homem aos outros homens*.
- Esses *atos humanos* são, em sentido próprio, verdadeiro e real, atos de *Deus*: quem age com atos humanos é a própria Pessoa divina, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

A encarnação do Filho de Deus é o *centro* da autocomunicação divina ao mundo criado, sendo a *autocomunicação* (dom de Si) *mais perfeita possível* de uma Pessoa divina a uma realidade criada. Por isso mesmo, a união que dela resulta (a união hipostática) é a *união mais perfeita possível* entre Deus e alguma realidade criada, precisamente, entre Deus

e o homem, entre o divino e o humano. Daí resulta também a perfeição singular da autocomunicação de Deus aos homens *a partir* dessa união.

No entanto, antes de refletirmos sobre esta autocomunicação divina depois e a partir da encarnação do Filho de Deus, convém levar em consideração a *preparação* desta encarnação no Antigo Testamento. Pois, como diz o Catecismo da Igreja Católica, “a vinda do Filho de Deus à terra é um acontecimento de tal imensidão que Deus quis prepará-lo durante séculos” (*Cat.* 522).

III. A preparação da Encarnação no Antigo Testamento

“A Igreja [...] discerne, nas obras de Deus contidas na Antiga Aliança, prefigurações daquilo que Deus realizou na plenitude dos tempos, na pessoa de seu Filho encarnado” (*Cat.* 128). Na verdade, o Novo Testamento está escondido no Antigo, ao passo que o Antigo é desvendado no Novo (cf. *Dei verbum* 16).

Lendo os acontecimentos da Antiga Aliança à luz desta chave hermenêutica, pode-se reconhecer, no Antigo Testamento, um *dinamismo* que podemos chamar “*incarnatório*” ou “*de encarnação*”. É “**o movimento pelo qual Deus entra no mundo das relações humanas e participa da existência da humanidade**”¹².

Este dinamismo está baseado na própria estrutura da religião judaica: a *aliança* de Deus com Seu povo. Esta aliança é um pacto com obrigações recíprocas. Deste modo, Deus quis deliberadamente estabelecer um tipo de relações que os homens estabelecem entre si. Da parte de Deus, portanto, o elemento de encarnação consiste no “agir como um homem”.

Quando Deus compara esta aliança com a aliança entre o homem e a mulher no matrimônio¹³, manifesta a intenção de *encarnação do amor divino*, que assume a forma do amor mais intenso entre pessoas humanas (cf. *Gn* 2,24).

Considerando a perspectiva de uma “nova aliança” (cf. *Jr* 31,31-34; *Ez* 36,26-28), se chega à seguinte conclusão: “A estrutura da aliança, que desde o início caracterizou as relações entre Javé e o povo judaico, evolui

¹² J. GALOT, *Chi sei tu, o Cristo?*, Firenze 1979, 43. Apresentamos em seguida resumidamente a exposição de Jean Galot a esse respeito (*ibid.*, 43-65).

¹³ Cf., p. ex., *Os* 2,4ss (esp. vv. 20-21); *Ez* 16,1ss; cf. também a correspondência entre *Jr* 31,33 e *Ct* 6,3.

no sentido de uma penetração mais íntima de Deus na vida humana, isto é, no sentido de uma encarnação mais profunda.”¹⁴

No dinamismo de encarnação, presente na Antiga Aliança, podem-se reconhecer três dimensões: encarnação 1) da palavra, 2) da ação, 3) da presença de Deus.

1. Encarnação da palavra divina

Deus, revelando-Se, fala aos homens através de homens e com linguagem humana. Existe, a este respeito, um dado importante: os homens que transmitem a mensagem divina não contribuem somente à sua transmissão, mas também à sua *formação*. “Constata-se, portanto, um tipo de identificação do pensamento divino com o pensamento humano. O pensamento de Deus é de tal modo incorporado no pensamento humano que não se pode separá-los. Para colher a mensagem da revelação, precisa acolher o pensamento humano integral do profeta e do escritor e descobrir nele a intenção de Deus.”¹⁵ “A Palavra de Deus realiza a sua encarnação transmitindo-se numa linguagem humana que conserva todas as suas propriedades”¹⁶.

2. Encarnação da ação divina

A história do povo eleito traz uma característica de encarnação da ação divina. “Com base nos empenhos assumidos na aliança, o poder de Deus age no povo guiando o seu destino [...] o poder soberano de Deus encarna-se nas vitórias e na expansão de Israel.”¹⁷ Deste modo, a história do povo se torna história da ação divina, obra de Deus¹⁸. Nas ações humanas e por meio delas, Deus age, realizando os Seus desígnios.

¹⁴ J. GALOT, *Chi sei tu, o Cristo?*, 48.

¹⁵ ID., *ibid.*, 49.

¹⁶ ID., *ibid.* Jean Galot acrescenta uma observação pertinente: “A exegese, muitas vezes, estaria tentada de parar no humano, sem colher suficientemente o pensamento divino que aí está escondido, tanto este pensamento soube animar uma expressão espontaneamente humana.”

¹⁷ ID., *ibid.*, 49.

¹⁸ Cf., p. ex., *Sl* 33,16-19. Sem dúvida, existe também a ação divina que castiga e corrige o Seu povo.

3. Encarnação da presença divina

Deus está presente ao Seu povo. Esta presença não é apenas uma presença no sentido de que Ele vem em auxílio do povo, protege-o ou também o adverte. É também uma presença “real”: o Senhor Deus encontra-Se em meio a Seu povo. Deste modo, Deus Se doa, e o dom é Ele mesmo; é dom do Seu *ser*, não somente o da Sua palavra e da Sua assistência. “Na encarnação da presença, o dom atinge a medida plena.”¹⁹

O dinamismo de encarnação que aqui se revela é acentuado pelo fato de que é uma presença *localizável*: é um *determinado lugar* onde Deus está presente; Deus tem Sua “*morada*” entre o povo. “O fato que Javé possui a sua casa revela até que ponto Ele, embora não esteja ligado a nenhum lugar particular (1 Rs 8,27; Is 66,1), tenha querido tornar-se presente de modo humano.”²⁰

Ora, como já vimos, todo esse dinamismo de encarnação é levado à sua meta pelo envio do Filho de Deus para Ele Se fazer homem, para ser um homem e viver uma vida humana neste mundo. É uma meta que ultrapassa de longe tudo que havia antes; dá-se um inaudito salto qualitativo. A encarnação do Filho de Deus é, de fato, um acontecimento único e totalmente singular.

O que, no Antigo Testamento, era prefiguração e sombra, agora é realidade perfeita:

- Deus está presente, de modo localizável, sendo um verdadeiro homem no meio dos outros homens. “O Verbo ... veio *morar* entre nós”²¹ (*Jo* 1,14).
- Quando Jesus fala, é imediatamente Deus quem fala com palavras humanas, pois este homem que fala é o próprio Deus (o Filho).
- Os atos de Jesus, todos motivados por Seu amor, são atos verdadeiramente humanos, mas realizados pela Pessoa divina, através da Sua natureza humana.

Deus está presente como homem, fala como homem, age como homem.

¹⁹ J. GALOT, *Chi sei tu, o Cristo?*, 50.

²⁰ ID., *ibid.*

²¹ A “Bíblia de Jerusalém” comenta esta expressão: “Verbo grego *eskénosen* (cf. *skéné* “tenda”). Alusão à Tenda “*mishkan*” que, por ocasião do êxodo, simbolizava a presença de Deus (Ex 26,1), presença tornada manifesta pela irrupção da glória de Deus nela, por ocasião de sua inauguração (Ex 40,34-35).

IV. A continuação e ampliação da Encarnação

A encarnação do Filho de Deus é, sem dúvida, um evento único e totalmente singular. Por isso, o período da história humana em que Jesus vivia sobre esta terra como homem entre os homens é, sob este aspecto, um período único e singular. Porém, o tempo *depois* deste período único não é mais ou menos igual ao tempo anterior a esse período. Isto quer dizer: neste tempo, a autocomunicação de Deus aos homens e a consequente união com eles é totalmente caracterizada pelo fato da encarnação divina *realizada*. O que tinha sido prefigurado e preparado, agora está realizado. Agora, no tempo posterior à vida de Jesus sobre a terra, a encarnação do Filho de Deus é levada à *consumação*, isto é, a uma **realização plena daquilo a que se destina**. Deste modo, a encarnação é, de alguma maneira, *continuada* ou *prolongada*, *estendida* e *ampliada*. Deste modo, considerando os diversos períodos da história da salvação, se pode falar de diversas fases da encarnação do Verbo.²²

1. “Encarnação” em sentido restrito e em sentido alargado

Neste caso, o conceito e a palavra “encarnação” não se usam exatamente no mesmo e idêntico sentido. Usam-se em sentido restrito e em sentido alargado.

- “Encarnação” em sentido restrito se usa para designar o evento pelo qual o Filho de Deus “Se fez carne”, isto é, homem nas condições do ser humano sobre esta terra. Ele *Se tornou* o que não era. Ele fez *Sua* uma natureza humana individual. Ele *Se fez presente como homem*. Antes deste acontecimento chamado de “encarnação”, este *homem* não existia; Jesus, o Filho de Deus, existia, sim, mas não como homem.
- A “encarnação” em sentido alargado *pressupõe o fato de o Filho de Deus ser homem*. Não se trata de Ele *Se tornar* o que não era, mas de *realizar, até à perfeita realização, o que Ele pretendia ao Se tornar homem*. Pode-se falar de “encarnação”, porque não é alguma coisa *acrescentada de fora* ao “fazer-Se carne”, isto é, à “encarnação” em sentido restrito. É, na verdade, a realização do que **está contido nesta encarnação**, enquanto esta *se destina a isso*. E o que assim se realiza

²² I. Spiteris fala, como já vimos, da “encarnação do Logos em todas as suas fases”: “Da constante tradição das Igrejas orientais sabemos que o «tornar-se parte da história» ou a encarnação do Logos em todas as suas fases foi possível somente pelo poder do Espírito” (I. SPITERIS, *Die Heiligkeit der Kirche im Verständnis der Ostkirchen*, 479).

não é simplesmente um *efeito* da encarnação, mas, trazendo características próprias da encarnação, é certa **continuação** ou **prolongamento** e **ampliação** dela.

Vejamos isso em seus diversos aspectos.

2. A “Encarnação” do Filho de Deus: Sua autocomunicação para se unir aos homens

A encarnação do Filho de Deus é um mistério – o mistério maior – de *autocomunicação divina* à criatura. É certa extensão ou prolongamento de uma autocomunicação que existe na própria divindade, isto é, a “geração” do Filho por parte do Pai: o envio do Filho por parte do Pai é o gerar o Filho, mas não para ser Deus (“processão” imanente), e sim, para ser homem (“missão”). Como diz São Tomás de Aquino, “a missão inclui a processão eterna e lhe acrescenta algo, isto é, o efeito temporal”²³, ou seja, a singular relação de presença da Pessoa do Filho à Sua natureza humana individual, ou a relação de pertença desta natureza à Pessoa do Filho. Em outras palavras, esse “efeito temporal” do qual fala São Tomás, é o fato novo da existência de uma natureza humana individual sendo a natureza humana da Pessoa do Filho eterno de Deus.

Vista da parte da Pessoa do Filho, a encarnação significa que *Ele Se comunica*, doando a Si mesmo (a Sua personalidade divina), *a uma realidade criada, fazendo Sua esta realidade*, isto é, *a natureza humana*. Agora Ele tem uma natureza humana, é homem. Mas esta autocomunicação ou auto-doação é somente um *primeiro e fundamental* passo da autocomunicação divina. Esta se destina a uma **doação de Si mesmo a pessoas**. O Filho de Deus Se fez homem para comunicar-Se (doar-Se), como homem, aos homens. E vimos que, a este respeito, podem-se distinguir três dimensões: a da *palavra*, a das *ações* e a da *presença* (ser).

O evangelho de São João exprime essa comunicação com as palavras: “o Verbo Se fez carne e veio *morar entre nós*”. Que Ele tenha vindo para “habitar” em meio aos homens, isto significa que veio *relacionar-Se* com eles, *comunicar-Se* a eles, *doar a Si mesmo* a eles. Ele realizou a união hipostática – pela qual é homem – para realizar uma **união interpessoal**

²³ *Summa Theologiae* I, q. 43, a. 2, ad 3.

– como *homem*, à maneira humana, ou melhor, à maneira divino-humana
– **com os homens** (e também com os anjos; cf. Ef 1,9-10²⁴).

Esta autocomunicação **faz parte da encarnação**: “encarnar-se” significa fazer-Se presente como homem no meio dos homens e, assim, comunicar-Se com eles e a eles, realizar uma *união* com eles. *O próprio ato de fazer-Se homem já foi um ato de unir-se aos homens*.²⁵ Ora, este ato de unir-se aos homens, que é a encarnação, *não pára* na assunção de uma natureza humana (“o Verbo Se fez carne”), mas *continua* – do contrário seria incompleto!²⁶ – na autocomunicação de Jesus aos homens com palavras, pelas ações e, fundamentalmente, por fazer-Se fisicamente presente a eles, lá onde estão. E tal autocomunicação não termina com a ascensão de Jesus ao Céu, mas *continua, estendendo-se* ou *ampliando-se* na Igreja e através da Igreja. Verdadeiramente, **a encarnação continua até o fim dos tempos**²⁷, pois é

ato de *Se unir aos homens*

- não apenas *fazendo-Se homem*,
- mas **também já sendo homem**.

A encarnação continua, portanto, até ao ponto em que a autocomunicação de Jesus aos homens (e também aos anjos) estará completamente realizada, até às últimas conseqüências.

Já vimos que esta autocomunicação se realiza em várias dimensões. Na verdade, a autocomunicação de Jesus é completa: Ele nos comunica *tudo*. O movimento de autocomunicação de Deus ao que é criado, iniciado com a encarnação como um “fazer-Se carne”, quer dizer, um unir-se aos homens pelo fazer-Se homem, **este movimento não pára até que o Filho Se tenha comunicado inteiramente e em todas as dimensões**.

²⁴ Cf. N. THANNER, *A consumação do “mistério de Cristo”: a união de todas as criaturas em Cristo segundo o modelo divino trinitário e através da Eucaristia*, em: *Sapientia Crucis* 9 (2008) 135-226, especialmente 186-202.

²⁵ Cf. Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 22; *Cat.* 432; 1612.

²⁶ Deus não Se fez homem simplesmente para não ser somente Deus, mas também homem!

²⁷ Cf. a afirmação supracitada de Papa Bento XVI: “a encarnação de Deus, o seu fazer-se carne deve continuar até ao fim dos tempos”.

V. A Eucaristia como continuação e ampliação da encarnação do Filho de Deus na dimensão da *presença*

Antes de passar deste mundo ao Pai (cf. *Jo* 13,1), Jesus instituiu a santíssima Eucaristia como memorial de Si mesmo em Sua “páscoa” e como meio de continuar e ampliar a encarnação na dimensão da *presença*, do ser, da substância.

O Catecismo da Igreja Católica dá a este respeito o seguinte ensinamento, que vale a pena citar na íntegra:

É altamente conveniente que Cristo tenha querido ficar presente à sua Igreja desta maneira singular. Visto que estava para deixar os seus em sua forma visível, Cristo quis dar-nos sua presença sacramental; já que ia oferecer-se na cruz para nos salvar, queria que tivéssemos o memorial do amor com o qual nos amou “até o fim” (*Jo* 13,1), até o dom de sua vida. Com efeito, em sua presença eucarística Ele permanece misteriosamente no meio de nós como aquele que nos amou e que se entregou por nós, e o faz sob os sinais que exprimem e comunicam este amor. (*Cat.* 1380)

1. O Verbo “*Se fez carne*” – “*desceu do céu*” – *para dar Sua carne como verdadeira comida*

Segundo o evangelho de São João, a Eucaristia está claramente *na linha da continuação da encarnação do Verbo*, como se pode reconhecer considerando o que o Apóstolo escreve no prólogo do seu evangelho e no sexto capítulo.

“E o Verbo Se fez carne e veio morar entre nós” (*Jo* 1,14). “O pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (*Jo* 6,33). “Eu sou o pão da vida” (6,35). “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem come deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne, entregue pela vida do mundo” (6,51).

O Verbo desceu do céu fazendo-Se *carne*. Ele, o Verbo feito carne, é o verdadeiro maná, o *pão* descido do céu que dá vida. E Ele dá um pão para comer que é Sua *carne*, é Ele mesmo como homem que é ao mesmo tempo Deus (cf. *Jo* 1,1). Por conseguinte, o Verbo desceu do Céu, fazendo-Se carne, *para dar esta Sua carne* em sacrifício ao Pai pela salvação (“vida”) dos homens, bem como para dá-la aos homens a fim

de levar a Sua união com eles à realização perfeita, permanecendo Ele neles e eles n'Ele (cf. *Jo* 6,56)²⁸.

2. A Eucaristia: continuação e multiplicação da presença do Filho de Deus como homem no mundo

O pão e o vinho consagrados são realmente o Verbo *encarnado*, são o Filho de Deus *como homem*. Trata-se de uma presença do *ser*, da *substância*, da “*realidade física*”²⁹ de Jesus. Sob os sinais sacramentais de pão e vinho, continua neste mundo a presença do “Filho do homem”, isto é, do *FILHO* (segunda Pessoa da Santíssima Trindade) *que é homem*. É presença misteriosa³⁰, sem dúvida, mas não menos real nem menos “substancial”³¹ que aquela presença que vai da concepção de Jesus até a Sua morte e até Sua ascensão ao Céu. E esta presença sacramental (quer dizer: sob e mediante os sinais de pão e vinho) não é apenas uma **continuação** da Sua presença real-substancial sobre esta terra, mas também uma **ampliação**, sendo uma **multiplicação** da Sua presença como homem. Já não é uma presença apenas em um determinado lugar deste mundo (e dentro dos confins de uma pequena parte do mundo), mas *em muitos lugares no mundo inteiro*.

3. A Sagrada Comunhão eucarística como encarnação do Verbo: Ele Se faz presente como homem nos homens

Mas tal presença substancial – realizada pela transubstanciação do pão e vinho na substância humana de Jesus – não se limita, em seu significado e sua finalidade, ao simples “estar aí”. É uma *presença “para”*³²: para uma autocomunicação particularíssima de Jesus aos homens, para

²⁸ A dupla finalidade é indicada pelas palavras de Jesus, dizendo: “o pão que eu darei”, isto é, o pão que dará *aos homens*, enquanto exprime o dom sacrificial de Si mesmo *ao Pai* pela salvação, isto é, pela vida dos homens, dizendo: “minha carne (entregue) pela vida do mundo” (*Jo* 6,51).

²⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*, n. 12, citando a encíclica *Mysterium fidei*: “Sob as espécies do pão e do vinho, «encontra-se presente Cristo total na sua ‘realidade física’, inclusive corporalmente».”

³⁰ É um *modo singular* de presença de um ser corpóreo.

³¹ Cf. *Cat.* 1374.

³² É significativo que a epiclese consecratória da Oração eucarística I e II (e das Orações eucarísticas para as Missas para diversas necessidades) do Rito Romano não pede simplesmente que o pão e o vinho se tornem o corpo e sangue de Cristo, mas que se tornem isso “para nós” (*nobis*).

uma doação singular de Si mesmo a eles, isto é, **para Ele *Se unir aos Seus discípulos com toda a Sua substância***; é para uma extensão da Sua encarnação, enquanto, deste modo, pode, com todo o Seu ser, entrar em cada um dos fiéis e realizar uma admirável união com eles, uma verdadeira antecipação das “núpcias” ou do “banquete das núpcias do Cordeiro” (cf. *Ap 19,7.9*)³³.

Papa Leão XIII escreveu a este respeito:

A Eucaristia deve ser considerada, pelo testemunho dos Santos Padres, como certa continuação e ampliação da encarnação. É que por ela a substância do Verbo encarnado é unida aos homens individualmente e se renova admiravelmente o supremo sacrifício do Calvário.³⁴

Resumimos o que vimos até agora, para termos uma visão de conjunto.

O Filho de Deus “desceu do Céu”³⁵ para comunicar-doa a Si mesmo aos homens, para unir-Se aos homens ou unir a Si e em Si os homens³⁶, e não somente os homens, mas “tudo o que existe no céu e na terra” (cf. *Ef 1,10*).

Ele o faz, em primeiro lugar, fazendo-Se homem; homem entre os homens. É por causa da Sua personalidade divina que este ser homem entre os homens é o resultado de um ato de *Se unir aos homens*; é o primeiro e fundamental ato de Se unir aos homens; é um unir-se que é comunicar-se, doar-se.

Daí deriva toda uma série de autocomunicações para realizar a união: toda a gama de relacionamentos com os outros homens, a convivência com outras pessoas humanas. Esta pressupõe a *presença física*³⁷, a qual é o primeiro e fundamental dom às outras pessoas. Em seguida, a autocomunicação se faz, falando de modo geral, por *palavras e ações*.

³³ Cf. N. THANNER, *Le “Nozze dell’agnello” e il mistero dell’unione eucaristica*, in: *Sapientia Crucis* 12 (2011) 55-110, particularmente 83-99.

³⁴ LEÃO XIII, Encíclica *Miræ caritatis: Leonis XIII P.M. Acta*, vol XXII, 122-123: “Eucharistia, Patrum sanctorum testimonio, Incarnationis continuatio quaedam et amplificatio censenda est. Siquidem per ipsam incarnati Verbi substantia cum singulis hominibus copulatur; et supremum in Calvaria sacrificium admirabili modo renovatur”.

³⁵ Cf. *Jo 3,13*; 6,33.38.41.51.

³⁶ A redenção dos homens é um pressuposto necessário para esta união.

³⁷ Hoje em dia, existe a telecomunicação, isto é, a comunicação pela palavra e imagem com pessoas que estão fisicamente ausentes. No tempo de Jesus não existia. Quanto à comunicação através de cartas, não consta que Jesus tenha escrito uma carta a alguém.

No final da Sua vida terrena, porém, Jesus levou essa Sua autocomunicação aos homens ao ponto culminante. Este ápice, só Lhe foi possível realizar porque era não somente homem, mas também Deus, tendo, portanto, à Sua disposição a onipotência do amor divino e a divina sabedoria. Trata-se da *Eucaristia*: o Verbo feito carne dá Sua carne (Sua substância humana) como alimento a quem n'Ele crê. O ápice de autocomunicação realiza o ápice de união-comunhão entre o Verbo encarnado e os homens.

Ora, este ápice de autocomunicação e conseqüente união com os homens pela Eucaristia é ao mesmo tempo uma **continuação e ampliação da encarnação**, e o é no sentido mais forte e claro que possa existir. Com efeito, a encarnação, assim, se estende até os confins do tempo (até o fim dos tempos) e do espaço (para o mundo inteiro, ou seja, a homens no mundo inteiro). Além disso, aquilo que significa a “encarnação” do Filho de Deus se cumpre da maneira mais perfeita. Reconhece-se isso quando se considera, como já vimos, que a encarnação não é apenas um ato de o Filho de Deus Se unir aos homens *fazendo-Se homem*, mas também é ato de Ele Se unir aos homens já *sendo homem*. Encarnação é o evento pelo qual o Verbo Se faz presente *como homem* entre os homens, com a finalidade de união com os homens. Ora, pela Eucaristia, o Verbo – já sendo homem – **Se faz presente**, em muitos lugares e até o fim dos tempos, **como homem** entre os homens **e nos homens**. A Sagrada Comunhão eucarística é, portanto, um tipo de **encarnação do Verbo** e, exatamente, aquilo a que se destina a “encarnação” no sentido primeiro e fundamental (mas não exclusivo) da expressão.

Evidencia-se, assim, a linha de *continuação direta* da “encarnação” como um “*fazer-Se carne (homem) e morar entre os homens*” à Eucaristia como um “*fazer-Se presente como homem entre os homens e nos homens*”.

4. Analogia entre Maria levando o Senhor em seu seio materno e ela (e os outros fiéis) levando o Senhor-Eucaristia em si

Devido a esta conexão de continuação existe um paralelismo ou uma analogia entre a santíssima Virgem Maria na anunciação e o fiel que recebe o sacramento da Eucaristia, sendo Maria o modelo de como receber Jesus dentro de si. A este respeito existem textos muito belos e profundos que vale a pena citar devido ao seu valor para a espiritualidade cristã e porque expõem a nós, concretamente, a supramencionada linha de con-

tinuação. Limitamo-nos ao magistério do Papa João Paulo II e do Papa Bento XVI.

No início deste artigo já citamos duas frases de uma exposição deste tema por parte de São João Paulo II, em sua encíclica sobre a Eucaristia. Citamos agora o texto na sua íntegra:

De certo modo, Maria praticou a sua *fê eucarística* ainda antes de ser instituída a Eucaristia, quando *ofereceu o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus*. A Eucaristia, ao mesmo tempo que evoca a paixão e a ressurreição, coloca-se no **prolongamento da encarnação**. E Maria, na anunciação, concebeu o Filho divino também na realidade física do corpo e do sangue, em certa medida antecipando n’Ela o que se realiza sacramentalmente em cada crente quando recebe, no sinal do pão e do vinho, o corpo e o sangue do Senhor.

Existe, pois, uma *profunda analogia* entre o *fiat* pronunciado por Maria, em resposta às palavras do Anjo, e o *amen* que cada fiel pronuncia quando recebe o corpo do Senhor. A Maria foi-Lhe pedido para acreditar que Aquele que Ela concebia “por obra do Espírito Santo” era o “Filho de Deus” (cf. *Lc 1, 30-35*). Dando continuidade à fê da Virgem Santa, no mistério eucarístico é-nos pedido para crer que aquele mesmo Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria, Se torna presente nos sinais do pão e do vinho com todo o seu ser humano-divino.

“Feliz d’Aquela que acreditou” (*Lc 1, 45*): Maria antecipou também, no mistério da encarnação, a fê eucarística da Igreja. E, na visitação, quando leva no seu ventre o Verbo encarnado, de certo modo Ela serve de “sacrário” – o primeiro “sacrário” da história –, para o Filho de Deus, que, ainda invisível aos olhos dos homens, Se presta à adoração de Isabel, como que “irradiando” a sua luz através dos olhos e da voz de Maria. E o olhar extasiado de Maria, quando contemplava o rosto de Cristo recém-nascido e O estreitava nos seus braços, não é porventura o modelo inatingível de amor a que se devem inspirar todas as nossas comunhões eucarísticas?³⁸

A exposição é clara e profunda. No entanto, um aspecto a considerar ainda pode ser aquele de Maria como “sacrário” do Verbo encarnado. O Papa se refere diretamente ao acontecimento da visitação de Maria a Isabel. A imagem do “sacrário” é sugerida por certa semelhança: como o Verbo encarnado está presente, com uma presença física, em Maria, assim também está presente, com Sua “realidade física”, “substancialmente”, no sacrário. Como o Verbo encarnado no seio de Maria é invisível aos olhos dos homens – Isabel O reconhece somente pela iluminação do Espírito

³⁸ JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 55. O negrito não é original.

Santo –, assim é invisível no sacrário, reconhecível somente pela fé; no caso do sacrário, porém, Ele é duas vezes invisível: porque está dentro do sacrário e porque está presente sob os sinais sacramentais, isto é, sob as aparências de pão.

Na verdade, porém, para o Papa João Paulo II é claro que a analogia (ou a linha de continuação) existe mais propriamente entre a presença do Verbo encarnado em Maria depois da anunciação e a presença d’Ele em quem O recebeu no sacramento da Eucaristia. De fato, em primeiro lugar, ele escreve: “Maria, na anunciação, concebeu o Filho divino também na realidade física do corpo e do sangue, em certa medida antecipando n’Ela o que se realiza sacramentalmente em cada crente quando recebe, no sinal do pão e do vinho, o corpo e o sangue do Senhor” (cf. texto supracitado). Anos antes, ele tinha desenvolvido este pensamento numa homilia na solenidade do Corpo e Sangue de Cristo:

Quando os Apóstolos saem, após a última Ceia, para o monte das Oliveiras, *todos levam em si este grande Mistério* realizado no cenáculo.

Acompanha-os Cristo: o Cristo-vivo na terra. E ao mesmo tempo eles levam em si Cristo: o Cristo-Eucaristia.

Eles são os primeiros entre os que mais tarde serão chamados “christoforoi” (Theo-foroi).

Precisamente assim eram chamados os participantes da Eucaristia. Saíam da participação deste Sacramento, levando em si o Deus encarnado. Com Ele *no coração andavam entre os homens, na vida quotidiana.*

A Eucaristia é o Sacramento do *mais profundo ocultar-se de Deus*: ocultar-se Ele sob as espécies do alimento e da bebida, e deste modo se oculta no homem. E contemporaneamente, a mesma Eucaristia é, por este fato, por aquele ocultar-se no homem, *o Sacramento de um particular ir para o mundo* – e do entrar no meio dos homens e de tudo o que constitui a sua vida quotidiana.

Eis a gênese da solenidade do *Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo.*

Sabemos que esta festividade, na sua forma histórica, surgiu no século XIII e se desenvolveu amplamente nas Comunidades católicas em todo o mundo. Todavia, o início desta festividade pode ser visto já naquela primeira “procissão” composta dos apóstolos que, circundando Cristo e ao mesmo tempo levando-O nos seus corações como Eucaristia, saíram do cenáculo para o monte das Oliveiras.

Hoje nós *realizamos a mesma tradição antiga*. Celebramos a Eucaristia no altar, **recebemo-la nos nossos corações para levá-la como “Christoforoi” pelas ruas de Roma na procissão** ao encontro de tudo o que aqui

nos circunda, para testemunhar diante de tudo e de todos a Nova e Eterna Aliança.³⁹

O sucessor de João Paulo II, o Papa Bento XVI, acolheu o pensamento de *levar Cristo-Eucaristia em nós*, dizendo: “Sem ilusões, sem utopias ideológicas, nós caminhamos pelas veredas do mundo, trazendo dentro de nós o Corpo do Senhor, como a Virgem Maria no mistério da Visitação”.⁴⁰

5. A Comunhão eucarística: a encarnação do Filho de Deus levada à sua meta, nas condições da vida terrena

O Papa João Paulo II acenou ainda, em outra homilia, a outro mas importante e decisivo aspecto nesse ser “Christoforoí”, “portadores de Cristo”, e isso nos faz dar um passo decisivo na consideração da Eucaristia como continuação e ampliação da encarnação do Filho de Deus. Eis as palavras do Papa:

Somos, portanto, os “Christo-foroí”. Levamos Cristo em nós. O seu Corpo e o seu Sangue. A sua morte e ressurreição. A vitória da vida sobre a morte.

“Christo-foroí”: somos tais constantemente, todos os dias. Hoje desejamos dar-lhe uma expressão particular, pública.

“Christo-foroí”: aqueles que vivem “por meio de Cristo”. Tal como Ele vive “por meio do Pai”.⁴¹

“Christoforoí” significa “portadores de Cristo”, e o Papa o explica dizendo: “Levamos Cristo em nós”. E o que significa aqui “Cristo”? O Papa diz que é Ele mesmo, presente não apenas espiritualmente, mas com Sua substância humana: “Seu Corpo e seu Sangue”. Mas também significa “Sua morte e ressurreição. A vitória da vida sobre a morte”. Ser “portadores de Cristo” significa, portanto, não somente a presença substancial de Cristo em nós, tendo recebido o sacramento da Eucaristia, mas também a *nossa participação nos mistérios de Cristo*, sobretudo em

³⁹ JOÃO PAULO II, Homilia na santa missa da solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, 10.06.1982, em: *L'Osservatore Romano* (ed. port.) de 20.06.1982, 9. O negrito não é original.

⁴⁰ BENTO XVI, Homilia na santa missa da solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, 23.06.2011, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 25.06.2011, 16.

⁴¹ JOÃO PAULO II, Homilia na santa missa da solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, 18.06.1987, em: *L'Oss. Rom.* (ed. port.) de 28.06.1987, 1 e 3.

Seu *mistério pascal* (morte e ressurreição), com o qual venceu a morte. Os “portadores de Cristo” são possuidores da vida que está em Cristo, são “aqueles que vivem «por meio de Cristo»”, como Jesus mesmo vive por meio do Pai (cf. *Jo* 6,57).

Na verdade, o que João Paulo II diz aqui com poucas palavras, quase no “estilo de telegrama”, foi expresso nas “Catequeses de Jerusalém”, no século IV:

Recebemos, pois, com toda a convicção, o Corpo e o Sangue de Cristo. Porque sob a forma de pão é o corpo que te é dado, e sob a forma de vinho, é o sangue que te é entregue. Assim, ao receberes o corpo e o sangue de Cristo, te transformas com ele num só corpo e num só sangue. Deste modo, tendo assimilado em nossos membros o seu corpo e o seu sangue, tornamo-nos portadores de Cristo; tornamo-nos, como diz São Pedro, participantes da natureza divina.⁴²

Este texto fala de uma “transformação” daquele que recebe o Corpo e Sangue de Cristo – transformação para ser um só corpo (“con-corpóreo”) e um só sangue (“con-sanguíneo”) com Cristo – bem como de uma “participação da natureza divina” (cf. *2 Pd* 1,4).

É evidente que a presença de Cristo-Eucaristia no fiel não é simplesmente uma presença “objetiva”, como é, ao invés, Sua presença no sacrário: presença real-substancial, localizável (está aí onde está o pão consagrado), e mais nada. É muito mais, é um *encontro* entre pessoas, é *união* de pessoas, uma união que *envolve todo o ser* das pessoas, de ambas as partes, da parte de Cristo e da parte do fiel. Se fosse apenas a presença “objetiva”, como no sacrário, ela duraria pouco tempo, pois esta presença sacramental existe apenas “enquanto subsistirem as espécies eucarísticas” de pão e vinho (cf. *Cat.* 1377). Mas, não é só isso. É *união* de Cristo com o fiel, e esta união é uma realidade que não acaba simplesmente quando não existe mais a presença *sacramental* de Cristo, a qual está ligada à existência dos sinais sacramentais (pão e vinho, ou mais exatamente, aquilo que os sentidos podem neles perceber). É uma união pela **comunhão com Cristo**, com Seu corpo e sangue⁴³. Pensemos aqui

⁴² *Cat.* 22, *Mistagógica* 4,3: *SCh* 126bis, 136 (PG 33, 1100); tradução portuguesa da *Liturgia das Horas*, ed. brasileira, segunda leitura do Ofício das Leituras do Sábado na oitava da Páscoa. A expressão grega, traduzida por “um só corpo” e “um só sangue”, é *syssōmoi* e *synaimoi*. Cf. também *ibid.* 4,1: *SCh* 126bis, 134 (PG 33, 1097).

⁴³ Cf. *1 Cor* 10,16 (*koinonia* – comunhão, participação – do sangue e do corpo de Cristo).

na união que é a origem primeira e o modelo supremo de toda autêntica união: Deus-Trindade. A união entre as Pessoas divinas é absolutamente perfeita, pois estão unidas por uma comunhão *total*.

Voltemos à comunhão eucarística com Cristo. Esta comunhão consiste numa *transformação* do fiel, “transformação” no sentido de ser o resultado de uma ação transformadora de Cristo através do Seu corpo e sangue, Sua substância humana, com a qual está presente dentro do fiel. Esta transformação sobrenatural, chamamo-la de “graça”⁴⁴. É, portanto, a “graça sacramental” da Eucaristia, ou seja, a graça própria deste sacramento. E esta graça é dom de **união**:

- união íntima e profunda do fiel com Cristo que Se doou a ele, entrou nele, com todo o Seu ser (“corpo”, “sangue”); cf. *Jo* 6,56: “... permanece em mim, e eu nele”.
- união dos fiéis entre si *em Cristo*, no Seu Corpo e Sangue: formam um só Corpo, que é o Corpo (eclesial, “místico”) de Cristo; cfr. *I Cor* 10,16-17; 12,13.27.⁴⁵

Portanto, a “**encarnação**” é uma **autocomunicação do Filho de Deus para realizar uma determinada união**:

- em primeiro lugar e fundamentalmente, a *união hipostática* (união da natureza divina e humana na única Pessoa do Filho de Deus); mas esta união é para realizar
- a união *do “Filho que é homem” com os homens*, e consequentemente
- a união *dos homens* (e de tudo no céu e na terra; *Ef* 1,10) *entre si em Cristo*.

A segunda união – que é a continuação da encarnação enquanto esta é ato de o Filho Se unir aos homens (como mais acima ficou explicado) – é levada à perfeição, nas condições da vida terrena, pela santíssima Eucaristia, que é o dom “nupcial” de Cristo à Igreja, composta de muitas pessoas que n’Ele creem. Ora, quando dizemos que essa união é “levada à perfeição”, pressupomos que à união *eucarística* de Cristo com os

⁴⁴ Graça “habitual”, distinguindo-a das graças “atuais” (cf. *Cat.* 2000).

⁴⁵ Segundo São Tomás de Aquino, a graça sacramental (“res”) do sacramento da Eucaristia é “a unidade do corpo místico” (*S.Th.* III, q. 73, a. 3), ou simplesmente “o corpo místico de Cristo, que é a sociedade dos santos” (*S.Th.* III, q. 80, a. 4; cf. *IV Sent.* d. 9, q. 1, a. 3, q. 1).

fiéis preexiste *outra* união e, por conseguinte, outra autocomunicação de Cristo.

6. A autocomunicação de Cristo em vista da Sua união eucarística com os fiéis

Esta outra autocomunicação de Cristo se realiza através dos outros dois sacramentos da iniciação cristã: o Batismo e a Crisma, bem como, em geral, por todos os outros sacramentos, sendo que todos estes seis sacramentos se ordenam à Eucaristia. Por esses sacramentos, **Cristo comunica aos homens Seu Espírito**, o Espírito Santo. Isto significa que lhes comunica a *comunhão que Ele, o Filho encarnado, tem com o Pai no Espírito Santo*. O Espírito Santo é, como Pessoa, a comunhão de amor entre o Pai e o Filho e, conseqüentemente, o Filho encarnado vive, como homem, Sua comunhão com o Pai pela presença do Espírito Santo em Si. Esta presença do Espírito Santo na alma de Cristo significa que esta está transformada divinamente por uma participação da vida divina ou, como diz a segunda Carta de São Pedro (1,4), uma participação (“*koinonoi*”) da natureza divina. O Espírito Santo, com efeito, Se faz presente (presença de “inabitação”; o “envio” do Espírito Santo) através de uma transformação divinizante da alma, transformação esta que chamamos, em um sentido geral, “**graça santificante**”, sendo transformação do ser (substância) e das potências.⁴⁶ A esta comunicação precede a comunicação pela *palavra*.⁴⁷ Deste modo, Cristo comunica aos homens o *conhecimento* que tem do Pai e de Seu plano de salvação.

Quando Cristo comunica Seu Espírito (graça santificante, virtudes, dons do Espírito Santo) aos homens, já se trata de uma autêntica *autocomunicação*: comunica-Se a *Si mesmo* ao fiel *no Espírito Santo*; realiza uma verdadeira e real união do fiel consigo. Mas não é já a autocomunicação ou autodoação completa. É completa somente quando – pressuposta a Sua autocomunicação no Espírito Santo – Se doa a Si mesmo ao fiel *com todo o Seu ser*, como o Filho feito *homem*, feito homem – é importante frisá-lo

⁴⁶ Esta graça, enquanto é participação do *amor* divino, nos assemelha à Pessoa do *Espírito Santo* como Pessoa distinta do Pai e do Filho, exatamente por ser Ele a Pessoa que procede do amor do Pai e do Filho, por ser o *Amor* procedente do Pai e do Filho; cf. a este respeito: N. THANNER, *La grazia, mistero dell'autocomunicazione di Dio uno e trino alle persone create*, em: *Sapientia crucis* 13 (2012) 45-91, esp. 68-74.

⁴⁷ Quanto aos sacramentos, estes são sacramentos *da fé*, pressupõem (na pessoa com o uso da razão) a fé, e a fé pressupõe o anúncio da palavra da Palavra de Deus (cf. *Rm* 10,14-17).

– para Se unir aos homens e unir os homens a Si e em Si e uni-los por Si ao Pai, e tudo isso sempre no Espírito Santo. E assim é propriamente pela Eucaristia que a Igreja – os fiéis unidos a Cristo – é o “Corpo” de Cristo. Pela Eucaristia, a encarnação do Filho de Deus é continuada e estendida na dimensão da *presença*, presença da Sua Pessoa como tal, com *tudo* o que *é*, toda a Sua *substância*, presença não somente espiritual, mas também do corpo (embora não à maneira como normalmente um corpo está presente em determinado lugar).

Apesar disso, também aquela autocomunicação de Cristo no Espírito Santo realizada em primeiro lugar pelo Batismo (aperfeiçoada pela Crisma) tem já um caráter de “encarnação”, como particularmente a teologia oriental o reconhece (cf. acima). Pelos sacramentos, **Cristo dá aos fiéis uma participação (comunhão) nos mistérios (sobretudo o mistério pascal) vividos em Sua carne**, isto é, como homem nesta terra. “Os sacramentos são «forças que saem» do corpo de Cristo⁴⁸, sempre vivo e vivificante” (*Cat.* 1116). E o que causam estas “forças” senão a comunhão com Cristo nos diversos mistérios da Sua vida, todos eles mistérios de salvação, de força salvífica para os homens? Isto vale para todos os sacramentos, de modo particular, porém, para a santíssima Eucaristia, que leva tudo isso à perfeição.

Vejamos ainda mais detalhadamente esse tipo de “encarnação”, ou seja, de continuação e extensão ou ampliação da encarnação do Filho de Deus na Igreja e pela Igreja.

VI. A continuação e ampliação da encarnação do Filho de Deus na dimensão da *palavra* e da *ação*

Vimos que a santíssima Eucaristia é certa continuação e ampliação da encarnação do Filho de Deus na dimensão da *presença* (substancial) do Filho como homem. É o que, com mais vigor, traz o caráter de “encarnação”, enquanto esta é autocomunicação do Filho de Deus para realizar uma perfeita união com os homens.

Vimos igualmente que existe também a encarnação em outras dimensões, que podemos sintetizar em duas: encarnação da *palavra* e encarnação da *ação*. Em Sua vida terrena, Jesus comunicou-Se aos outros homens pela palavra e por todo o Seu agir de homem (ao qual pertence também

⁴⁸ Cf. Lc 5,17; 6,19; 8,46.

o fazer-Se presente fisicamente aos homens em determinado tempo e lugar). Sob este “agir” podemos entender tudo aquilo que se chama “os mistérios da vida de Cristo”⁴⁹, que são também Seus sofrimentos, sobretudo Sua paixão e morte.

Ora, tudo isso Cristo quer continuar a realizar em Sua Igreja, nas pessoas, portanto, de que se compõe a Igreja, que é Sua Esposa e Seu Corpo. E uma vez que a Igreja se expande no tempo (até o fim do tempo) e no espaço (pelo mundo inteiro), trata-se aqui de uma *extensão* ou ampliação do Seu agir e do Seu falar.

1. Evangelho de São João: obras de Cristo, obras do Pai – obras dos discípulos, obras de Cristo

A respeito da relação entre Jesus e os discípulos, o evangelho de São João é claro em mostrar – pelo ensinamento de Jesus – certo paralelismo ou analogia entre, de um lado,

- a ação, isto é, as “obras” de Jesus como sendo *obras do Pai* em e através de Jesus⁵⁰, e, por outro lado,
- as obras dos discípulos como sendo *obras de Jesus* em e através deles.

Por isso, Jesus pode dizer: “Em verdade, em verdade, vos digo: quem crê em mim fará as obras que eu faço, e fará ainda *maiores* do que estas. Pois eu vou para o Pai” (*Jo* 14,12). Indo para o Pai, poderá enviar o Espírito Santo e no Espírito Santo doar aos discípulos a participação dos mistérios da Sua vida, de tal modo que continuará a agir neles e através deles, estendendo Sua ação salvífica ao mundo inteiro e até o fim dos tempos (eis as obras “maiores”).

Em termos de “*envio*” ou “*missão*”, Jesus exprime o mencionado paralelismo com estas palavras: “Como o Pai me enviou também eu vos envio” (*Jo* 20,21; cf. 17,18). O Pai enviou Seu Filho: a encarnação e toda a vida terrena de Jesus; Jesus envia os discípulos: continuação e extensão da encarnação.

⁴⁹ Veja-se, p. ex., *Cat.* 512ss.

⁵⁰ Cf., como um exemplo, *Jo* 14,10: “Não acredita que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; é o Pai que, permanecendo em mim, realiza as suas obras”. Vê-se aqui também que vale o mesmo quanto às “obras” e quanto às “palavras” de Jesus (cf. também *Jo* 14,24).

Também nos termos de “*estar*” ou “*permanecer*”, o paralelismo é claro, sendo que neste caso a Eucaristia é mencionada expressamente, tratando-se da relação entre Jesus e os discípulos. Jesus está ou permanece no Pai e o Pai n’Ele, como também Ele está ou permanece nos discípulos e eles n’Ele.⁵¹

2. Cristo quer continuar e estender os mistérios de Sua vida na Igreja: quer vivê-los nos Seus membros

Se se reconhece que, segundo a doutrina do evangelho, as obras dos discípulos são (podem ser) as obras de Cristo como as obras de Cristo são as obras do Pai, vê-se o fundamento bíblico do que afirma o Catecismo da Igreja Católica, a saber:

Tudo o que Cristo viveu foi **para que pudéssemos *vivê-lo nele*** e para que **Ele o *vivesse em nós***. [...] Nós somos chamados a ser uma só coisa com Ele; Ele nos faz partilhar (comungar), como membros de seu corpo, de tudo o que (Ele), por nós e como nosso modelo, viveu em sua carne.⁵²

Em seguida, o Catecismo cita, como explicitação, um trecho de uma obra de São João Eudes. Este santo teólogo entendeu profundamente o tema desta nossa reflexão, de modo que podemos dar a ele a palavra:

Cabe-nos continuar e completar em nós os estados e mistérios de Jesus e pedir-lhe continuamente que os leve a termo e os perfeça em nós e na Igreja inteira. Porque os mistérios de Jesus ainda não estão totalmente levados à sua perfeição e realização. Na pessoa de Jesus, sim, não, porém, em nós, seus membros, nem na Igreja, seu Corpo místico. Por querer o Filho de Deus comunicar, estender de algum modo e continuar seus mistérios em nós e em toda a sua Igreja, determinou tanto as graças que nos concederá, quanto os efeitos que quer produzidos em nós por esses mistérios. Por esta razão deseja completá-los em nós.

Por isso, São Paulo diz que Cristo é completado na Igreja e que todos nós colaboramos para sua edificação e para a plenitude de sua idade (cf. Ef 4,13), isto é, a idade mística que tem em seu Corpo místico, mas que só no dia do juízo será plena. Em outro lugar, diz o mesmo Apóstolo que completa em sua carne o que falta aos sofrimentos de Cristo (cf. Cl 1,24).

Deste modo, o Filho de Deus decidiu que seus estados e mistérios seriam completados e levados à perfeição em nós. Quer levar à perfeição em nós o mistério de sua encarnação, nascimento, vida oculta, quando se forma

⁵¹ Cf. Jo 14,10.20; 6,56-57; 15,4-7; 17,21-23.

⁵² Cat. 521 (negrito não é original).

e renasce em nossa alma pelos sacramentos do santo batismo e da divina eucaristia e nos dá vivermos a vida espiritual e interior, escondida com ele em Deus (Cl 3,3).

Quer ainda levar à perfeição em nós o mistério de sua paixão, morte e ressurreição que nos fará padecer, morrer e ressurgir com ele. E, finalmente, quer completar em nós o estado de vida gloriosa e imortal, quando nos fará viver com ele e nele a vida gloriosa e perpétua nos céus. Assim quer consumir e completar seus outros estados, outros mistérios em nós e em sua Igreja; deseja comunicá-los a nós e partilhá-los conosco e por nós continuá-los e propagá-los.⁵³

Levando a sério esta doutrina, se reconhece precisamente a admirável união entre Cristo e a Igreja, ou, segundo a terminologia do Apóstolo Paulo, entre “Cabeça” e “Corpo” ou “membros”. Cristo quer encarnar-Se em nós, quer nascer em nós..., quer continuar a viver os diversos mistérios da Sua vida, mas *em nós*, e que nós os vivamos *n’Ele*; é sempre essa mútua imanência: Ele em nós e nós n’Ele.

O que significa isso, concretamente, senão o início e o desenvolvimento da vida espiritual do cristão como vida em Cristo e no Espírito? Quanto ao “nascimento” de Cristo em nós, é conhecida aquela frase (de Angelus Silesius) que diz: “Ainda que Cristo tivesse nascido mil vezes em Belém, se não nascesse em você teria nascido em vão” (para você). Os Padres (e a tradição posterior, particularmente certos místicos) conhecem a ideia do nascimento de Deus (Logos) na alma pela fé e o Batismo. Santo Ambrósio, p. ex., dizia:

Isabel diz a Maria: *Feliz és tu que acreditaste*. Felizes sois também vós, que ouvistes e acreditastes, pois toda alma que possui a fé concebe e dá à luz a Palavra de Deus e conhece suas obras. Esteja em cada um de vós a alma de Maria para engrandecer o Senhor: em cada um esteja o espírito de Maria para exultar em Deus. Embora segundo a natureza haja uma só Mãe do Cristo, segundo a fé o Cristo é o fruto de todos; pois toda alma recebe o Verbo de Deus desde que, sem mancha e libertada do pecado, guarda a castidade com inteira pureza.⁵⁴

⁵³ JOÃO EUDES, *Tractatus de regno Jesu*, pars 3,4: *Opera omnia* 1,310-312.

⁵⁴ *Expositio Evangelii secundum Lucam* 2,26 (PL 15,1290D) (citação portuguesa: LH, Ofício das Leituras, 21 de dezembro). São Máximo o Confessor escreveu: “O Verbo de Deus nasceu segundo a carne uma vez por todas. Mas pela sua bondade e condescendência para com os homens quer nascer sempre espiritualmente naqueles que o desejam. Quer tornar-se criança, que vai se formando neles com o crescimento das virtudes; e manifesta-se na medida em que pode compreendê-lo quem o recebe” (*Centuria* 1,8: PG 90, 1182A).

3. O Filho de Deus encarnado continua a agir e falar perceptivelmente através da Igreja, Seu Corpo e Sua Esposa

A íntima união de Cristo com os Seus discípulos, bem como a união deles entre si, o Apóstolo Paulo a exprime com os conceitos de “corpo de Cristo”, “membros de Cristo”, “esposa de Cristo”. Ora, é claro que, chamando a Igreja de “corpo” de Cristo, o Apóstolo não identifica a Igreja com o corpo individual de Jesus (mistério da encarnação em seu sentido primeiro e fundamental). Porém, não a designa com a palavra “corpo” somente porque está usando uma metáfora conhecida (o “corpo” social), mas em virtude da união dos fiéis com o corpo individual de Cristo (cf. *1 Cor 10,16-17*). Pela Eucaristia e não sem ela, a Igreja é o Corpo de Cristo e a Esposa unida a Ele.

Ora, “corpo” significa a presença *perceptível* de alguém, que, por isso mesmo, pode falar e agir de um modo que é perceptível aos sentidos. Isto nos leva a reconhecer o seguinte: Como o Filho encarnado Se fez perceptivelmente presente no mundo no e através do Seu corpo humano, animado de alma espiritual, e Se comunicou – falou, agiu – mediante as potências da Sua alma e do Seu corpo, assim Ele Se faz perceptivelmente presente no mundo⁵⁵ em e através de Sua Igreja, Seu corpo, como também continua a falar e a agir mediante este Seu corpo, a Igreja, composta de muitas pessoas humanas.

Evidentemente, não é a mesma coisa, mas existe uma verdadeira semelhança que justifica, também sob este aspecto, as expressões “continuação” e “extensão” do mistério da encarnação do Filho de Deus. A diferença está no seguinte:

- No primeiro caso, a Pessoa divina do Filho está presente e age mediante a natureza humana que é propriamente e imediatamente *Sua* natureza.
- No segundo caso, o Filho está presente e age através de *outra pessoa* que está presente e age mediante a *sua* natureza (não a do Filho).

O Filho pode realmente fazer-Se presente nesta outra pessoa e através dela e agir através dela, **enquanto e na medida em que Ele está unido a ela**. Esta união é atribuída ao Espírito Santo, realiza-se “no Espírito Santo”. O Apóstolo João o diz com estas palavras: “A prova de que

⁵⁵ Uma presença que, sem dúvida, só reconhece aquele que tem a fé cristã, como também somente pela fé os homens podiam reconhecer em Jesus, presente corporalmente, o Filho de Deus encarnado.

permanecemos nele, e ele em nós, é que ele nos deu do seu Espírito” (1 Jo 4,13). O Espírito Santo, com efeito, tem como característica da Sua personalidade a de proceder de duas Pessoas, formalmente do ato comum e recíproco de amor de ambos, sendo deste modo, como Pessoa, a unidade de amor do Pai e do Filho, a comunhão “personificada” d’Eles. Com razão, por isso, a beata Ir. Isabel da Santíssima Trindade, em sua famosa oração à Santíssima Trindade, se dirigia ao Espírito Santo pedindo:

Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, “descei sobre mim”, para que na minha alma se faça como que uma encarnação do Verbo: que eu seja para Ele uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o seu Mistério.⁵⁶

A respeito da presença do Espírito Santo, existe também uma clara diferença entre os dois casos:

- No primeiro caso, a presença do Espírito Santo na alma de Jesus Cristo é a *consequência* do fato que esta alma é a alma da Pessoa de Deus Filho.
- No segundo caso, a presença do Espírito Santo na pessoa do cristão é o *pressuposto* para a presença e a ação de Cristo nesta pessoa e através dela.

Esta “encarnação” da ação (e da palavra) divina, este ser “corpo de Cristo”, é um mistério de *união interpessoal*, união entre a Pessoa de Cristo e a pessoa do cristão, formando no Espírito Santo como *uma* só pessoa.⁵⁷

Ora, esta união pode ser *mais ou menos perfeita* e, conseqüentemente, as ações da pessoa unida a Cristo no Espírito Santo (ou, como também se costuma dizer, unida “pela graça”) podem mais ou menos perfeitamente ser ações de Cristo e, inclusive, podem também *não* o ser.

⁵⁶ Tradução portuguesa em: <http://elisabeth-dijon.org/priere/portugais.html>. Texto original: “O Feu consumant, Esprit d’amour, « survenez en moi » afin qu’il se fasse en mon âme comme une incarnation du Verbe: que je Lui sois une humanité de surcroît en laquelle Il renouvelle tout son Mystère” (<http://elisabeth-dijon.org/priere/francais.html>).

⁵⁷ É pelo Espírito Santo e n’Ele – que é uma só e idêntica pessoa em Cristo e nos cristãos –, que Cristo e os cristãos, “Cabeça e membros”, “são como uma só pessoa mística” (S. TOMÁS, *S.Th.* III, q. 48, a. 2, ad 1; cf. também PIO XII, Enc. *Mystici Corporis*), ou, segundo a formulação do Papa São Gregório Magno, “Nosso Redentor mostrou-se como uma só pessoa com a santa Igreja, que ele assumiu” (S. GREGÓRIO MAGNO, *Mor. praef.* 6,14: CCL 143,19; PL 75,525).

Isto depende do seguinte: se a relação do fiel com Cristo é conformada ao seu modelo, que é a relação entre Cristo e Seu Pai, as obras do fiel são obras de Cristo; do contrário, não o são. E, igualmente, se esta conformação é mais ou menos perfeita, mais ou menos perfeitamente as obras do fiel são obras de Cristo. Trata-se – segundo as palavras do Senhor no evangelho de São João – de “permanecer” n’Ele, de permanecer na verdade, em Sua palavra, em Seu amor, e vice-versa (cf. *Jo* 5,38; 6,56; 8,31.44; 15,4-7.9-10). É questão de “praticar a verdade” (*I Jo* 1,6; cf. *Jo* 3,21), de amar, observando os Seus mandamentos (cf. *Jo* 14,15.21; 15,10; *I Jo* 2,3-4; 3,24; 5,2-3; *2 Jo* 1,6), de “caminhar como Jesus caminhou” (*I Jo* 2,6), de viver segundo “a fé que age pelo amor” (*Gl* 5,6). Então, serão obras que não são somente do cristão, mas verdadeiramente obras de Cristo que age em e através do cristão, que é um com Ele, como Cristo é um com o Pai.

Portanto, a encarnação da ação e também da palavra divina que se realizou na vida do Filho de Deus feito homem encontra uma continuação e extensão em Sua Igreja, em Seus membros, ***enquanto e na medida que estes agem e falam em conformidade com a verdade*** (que, afinal, é Cristo), ***animados por Seu amor***. A restrição indicada pela expressão “na medida” é necessária porque também numa ação motivada pelo amor podem coexistir motivações que vêm do “homem velho” (cf. *Rm* 6,6; *Ef* 4,22; *Cl* 3,9).

Sob aquelas condições, no entanto, é realmente ***Cristo, Deus encarnado, que continua a falar e agir*** (todos os “mistérios da Sua vida”) – ***de modo perceptível, como é próprio do mistério da encarnação – em e através de cada cristão, em e através da Igreja***.

Aqui convém ainda ter presente uma distinção. Como não se pode atribuir a Cristo uma ação do cristão que não é ação do “homem novo”, mas do “homem velho”, assim as ações de um cristão não implicam a Igreja (ação da Igreja, atribuível à Igreja), se e na medida em que o cristão não age em conformidade com sua pertença à Igreja, que é “indefectivelmente santa” (*LG* 39). “A ruptura introduzida pelo pecado na atividade espiritual do fiel entre ele e Cristo, a quem está unido imperfeitamente, não existe para a Igreja”, esclarece oportunamente o teólogo J.-H. Nicolas.⁵⁸ E continua dizendo:

⁵⁸ J.-H. NICOLAS, *Sintesi dogmatica. Dalla Trinità alla Trinità*, vol. II, Città del Vaticano 1992, 74.

Pode-se dizer que, por toda a sua atividade espiritual, a Igreja não age senão como unida a Cristo, formando com ele *una persona mystica*. Com tal atividade (e suas manifestações exteriores), ela prolonga no mundo e na história a atividade de Cristo: seu amor pelo Pai e pelos homens, sua oração e seu sacrifício. Quem exerce esta atividade? São evidentemente os membros da Igreja: todos e cada um, contanto que a sua ação venha do Espírito Santo.⁵⁹

Esta observação nos leva a considerar ainda *ações da Igreja* que, para serem ações de Cristo, *não dependem da disposição pessoal do membro da Igreja* que as está realizando. São os **sacramentos**⁶⁰. Os sacramentos são ações de Cristo (e do Espírito Santo) e da Igreja. A própria Igreja, com efeito, é “o sacramento da ação de Cristo operando em seu seio graças à missão do Espírito Santo” (*Cat.* 1118). Por isso é na Igreja e através dela que a encarnação continua e se amplia depois de o Filho encarnado ter voltado para o Pai.

“Encarnação” e “sacramento” estão ligados: pela encarnação em seu sentido primeiro e fundamental existe o “sacramento” da humanidade (corpo e alma) do Filho de Deus. Na Sua humanidade e através dela (como “sinal e instrumento” da divindade, da Pessoa divina) o Filho de Deus está presente, fala e age de um modo sensível (perceptível aos sentidos) neste mundo. Depois da Sua ascensão aos Céus, tornando-Se invisível, ou seja, imperceptível em Sua humanidade, “aquilo que era visível em nosso Salvador passou para seus mistérios”⁶¹, isto é, os sacramentos. Agora, *aqueles ações simbólicas que chamamos “os sacramentos” assumem o papel de sinal-manifestação e instrumento sensíveis da presença e ação de Cristo no mundo*. Eis, portanto, uma continuação e extensão assegurada do mistério da encarnação. Os sacramentos são, de fato, o núcleo ou a realização mais intensa e forte do caráter *sacramental* da Igreja como tal. E é devido aos sacramentos que Cristo pode continuar a viver os mistérios da Sua vida na terra nos membros da Igreja.

Quanto à **palavra** de Cristo – que é perfeita “encarnação” da palavra divina –, existe na Igreja uma maneira privilegiada e assegurada de continuação e extensão (no espaço e no tempo) e que é a Sagrada Escritura

⁵⁹ *Id.*, *ibid.*

⁶⁰ No capítulo anterior falamos do sacramento da Eucaristia, mas não sob o aspecto da *ação sacramental* (ação do ministro do sacramento).

⁶¹ LEÃO MAGNO, *Serm.* 74,2: PL 54,398A.

(do Novo Testamento) dentro da Sagrada Tradição e com a interpretação autêntica de ambas por parte do Magistério vivo da Igreja, que está a serviço da Palavra divina escrita e transmitida. “Quem vos escuta, a mim escuta; e quem vos despreza, a mim despreza; ora, quem me despreza, despreza Aquele que me enviou”, disse Jesus aos Seus discípulos, enviados por Ele (Lc 10,16). Também com relação à palavra existe, portanto, aquele paralelismo ou a analogia de que acima falamos e que é ensinado com clareza no evangelho de São João. Evidentemente, existem a este respeito diversas modalidades que se deve levar em conta para não identificar *indevidamente* a palavra de um cristão, ou também daqueles que exercem o Magistério na Igreja, com a palavra de Jesus.⁶²

VII. Conclusão

A “encarnação” do Filho de Deus não é apenas um evento singular em um determinado momento da história. Ela foi preparada no tempo anterior, na Antiga Aliança, através da própria estrutura da religião do povo eleito (aliança) e de um dinamismo de encarnação da palavra, da ação e da presença divina. Este dinamismo encontrou sua plena e propriamente inaudita realização, realização insuperável, na concepção do Filho de Deus na Virgem Maria e, em seguida, em toda a Sua vida na terra. Da Sua ascensão aos Céus até o fim do tempo (é o tempo da Igreja), esta encarnação do Filho de Deus não acabou, como um fato consumado no passado, mas existe uma verdadeira “extensão e continuação em nós e em toda a sua Igreja do mistério da encarnação” (cf. S. João Eudes). Na verdade, todo o cristianismo é uma contínua encarnação, uma encarnação de Jesus Cristo dentro da nossa existência, dentro de nós mesmos, do nosso ser (Eucaristia!). Por isso, é importante abrir ao Senhor o nosso ser e toda a nossa vida:

São Gabriel “bate à porta de Maria e, através dela, o próprio Deus pede a Maria o seu «sim» para a proposta de se tornar a Mãe do Redentor: *dar a sua carne humana ao Verbo eterno de Deus*, ao Filho de Deus. [...] O Senhor está à porta do mundo e à porta de cada um dos corações. Ele bate

⁶² O critério é a verdade e o amor, uma vez que o Senhor Jesus veio para “dar testemunho da verdade” (cf. Jo 18,37) e é, Ele mesmo, a verdade (cf. Jo 14,6), mas nunca a verdade separada do amor ou dita sem amor. Quanto ao Magistério da Igreja, a assistência particular do Espírito Santo aos sucessores dos Apóstolos garante a verdade dos seus pronunciamentos dentro de determinados limites e circunstâncias (cf. Conc. Vat. II, *Lumen gentium* 25).

para que o deixemos entrar: *a encarnação de Deus, o seu fazer-se carne deve continuar até ao fim dos tempos*. [...] Cristo bate. Também hoje Ele tem necessidade de pessoas que, por assim dizer, *lhe põem à disposição a própria carne*” (Bento XVI⁶³).

Nisto, a Virgem Maria é o modelo acabado a imitar, um modelo que impele o cristão a viver em plenitude a vida de união constante com Cristo, no Espírito Santo.

Nathanael Thanner ORC

⁶³ Homilia no dia 29 de setembro de 2007 (cf. 1ª nota de rodapé).

Índice

I. A afirmação: Encarnação continuada e ampliada.....	50
II. A “Encarnação” do Filho de Deus: o que é?.....	52
III. A preparação da Encarnação no Antigo Testamento	56
1. Encarnação da palavra divina	57
2. Encarnação da ação divina	57
3. Encarnação da presença divina	58
IV. A continuação e ampliação da Encarnação	59
1. “Encarnação” em sentido restrito e em sentido alargado.....	59
2. A “Encarnação” do Filho de Deus: Sua autocomunicação para se unir aos homens.....	60
V. A Eucaristia como continuação e ampliação da encarnação do Filho de Deus na dimensão da <i>presença</i>.....	62
1. O Verbo “Se fez carne” – “desceu do céu” – para dar Sua carne como verdadeira comida	62
2. A Eucaristia: continuação e multiplicação da presença do Filho de Deus como homem no mundo.....	63
3. A Sagrada Comunhão eucarística como encarnação do Verbo: Ele Se faz presente como homem nos homens	63
4. Analogia entre Maria levando o Senhor em seu seio materno e ela (e os outros fiéis) levando o Senhor-Eucaristia em si	65
5. A Comunhão eucarística: a encarnação do Filho de Deus levada à sua meta, nas condições da vida terrena.....	68
6. A autocomunicação de Cristo em vista da Sua união eucarística com os fiéis.....	71
VI. A continuação e ampliação da encarnação do Filho de Deus na dimensão da <i>palavra</i> e da <i>ação</i>.....	72
1. Evangelho de São João: obras de Cristo, obras do Pai – obras dos discípulos, obras de Cristo.....	73

2. Cristo quer continuar e estender os mistérios de Sua vida na Igreja: quer vivê-los nos Seus membros	74
3. O Filho de Deus encarnado continua a agir e falar percepti- velmente através da Igreja, Seu Corpo e Sua Esposa	76
VII. Conclusão.....	80

